

O legado de AGOSTINHO DA SILVA 15 anos após a sua morteⁱ

LUÍS CARLOS SANTOS

luis.santos@ese.ips.pt

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

1- Agostinho da Silva, um adepto da “Educação Nova”

O Professor Agostinho da Silva foi uma das grandes figuras da cultura Portuguesa do século XX. O interesse manifestado pela sua obra nestes 15 anos que sucederam à sua morte, são disso um bom testemunho.

Tivemos o privilégio de conhecer o Professor. Estivemos algumas vezes em sua casa a escutar os seus ensinamentos

e trocámos com ele alguma correspondência escrita, à semelhança do que aconteceu com muitos outros. O Professor tinha criado o hábito de escrever cartas aos amigos e receber em sua casa gente que se prestasse à conversa.

Foi a conselho de uma amiga que decidimos ir a sua casa. Mas quis o destino que para lá chegar tivéssemos de passar primeiro pelo Brasil. Fomos encontrar uns amigos seus ligados à Universidade da Baía, numa viagem que fizemos

a São Salvador, que nos tornaram portadores de algumas lembranças para o Professor: uma delas, um livro de poesia da autoria de um desses amigos, Epaminondas da Costa Lima, que contém um poema muito bonito que lhe é dedicado, de seu título “Portugal”.

Também Agostinho da Silva, em determinada altura da sua vida, teve de partir para o Brasil, corria o ano de 1944, só que dessa vez foi uma partida forçada. Expulso do Liceu Nacional de Aveiro, onde era Professor, e mais tarde preso por discordâncias políticas com o regime que então vigorava em Portugal, vai para o Brasil, donde só regressará em 1969.

Nas suas divergências com as ideias políticas dominantes na época, em Portugal, muitas foram as discordâncias que também manifestou com as metodologias tradicionais

então instituídas no ensino, como revelam as suas simpatias para com as novas correntes pedagógicas que desde o início do século tinham galgado os Pirenéus. A série de biografias que nos deixou sobre alguns dos autores do Movimento da “Escola Nova, onde encontramos as obras de Pestalozzi, Montessori, Sanderson, Winnetka, Dalton, por ele escritas e publicadas nos Cadernos de Iniciação Cultural, são um bom testemunho das preferências sobre quais as reformas a introduzir no sistema educativo do país.

Como dissemos, Agostinho da Silva vai deixar o Brasil em 1969, regressando definitivamente a Portugal, tendo por lá deixado uma obra notável, sendo de destacar a sua participação em várias Universidades por todo o país (Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Paraíba, Baía, Goiás e Santa Catarina), mais a fundação de dois importantes Centros de

Estudos: o Centro de Estudos Afro-Orientais, na Universidade de São Salvador da Baía, e o Centro de Estudos Portugueses, na Universidade de Brasília.

Regressando a Portugal, dizíamos, Agostinho da Silva vai continuar a obra que já tinha iniciado, no nosso país, sobre a “Educação Nova”. Ele que, nos primeiros anos da década de quarenta, tinha tido uma importância decisiva na resistência deste movimento ao Estado Novo, de novo sem recuar perante a política conservadora que o tinha expulso do país, vai escrever “Educação de Portugal”, em 1970, um livro onde recupera os ideais daquele movimento pedagógico, livro que, no entanto, por falta de editor, só viria a ser publicado em 1989.

Mas a sua produção escrita, neste período, sobre a “Educação Nova”, não se resumiria à “Educação de Portugal”. Durante os dois anos seguintes, 1971 e 1972, vai coordenar e escrever temas sobre educação na Revista Mundial, onde novamente vai abordar a temática revelando o autor, mais uma vez, uma certa militância com esse Movimento.

Num dos números dessa revista, com o título de *Fontes e Pontes do Futuro* e subtítulo *Escola Nova*, dizia Agostinho da Silva, “que a Escola Nova definindo uma época nova de actividades educacionais, não tem como centro um professor que sabe e ensina, mas um grupo em que todos aprendem e, tendo aprendido, ensinam; não se limita a uma determinada idade, antes se alarga à vida inteira; desaba as paredes que a separam da vida, não funcionando separada dos trabalhos industriais ou dos campos. Esta Escola Nova que está vindo em números cada vez maiores depois das tentativas isoladas de um Pestalozzi, de um Tolstoi, de um Sanderson, de um Neil, a demonstrar que a marca real do homem é o seu espírito de criatividade na ciência ou na política, no sonho ou na arte, na religião ou na técnica”. (Santos, L. (2003), *A Educação Nova, a Escola Moderna e a Construção da Pessoa*. Monte

da Caparica: Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL (tese de mestrado), pp.116-117)

Mas é no seu livro “Educação de Portugal” que Agostinho da Silva desenvolve as linhas gerais de um projecto educacional para o país. Recorrendo à insubstituível prosa de Agostinho da Silva, aqui fica uma breve citação que ilustra muito bem algumas das ideias por ele propostas: “Creio, primeiro, que o mundo em nada nos melhora que nascemos estrelas de ímpar brilho: Nada na vida vale o homem que somos; homem algum pode substituir a outro homem. (...) Não sou eu, por conseguinte, que tem de reflectir por ele, não sou eu quem sabe o que é melhor para ele, não sou eu quem tem de lhe traçar o caminho; com ele só tenho um dever que é o de ajudá-lo a ser ele próprio. (...) Acreditando, pois, que o homem nasce bom, o que significa para mim que nasce irmão do mundo, não seu

dono e destruidor, penso que a educação, em todos os seus níveis, formas e processos, não tem sido mais que o sistema pelo qual esta fraternidade se transforma em domínio (...) Pelos tempos fora, temos querido que a escola, seja fundamentalmente uma fábrica de fortes para vencermos na vida. O grave de tudo isto é que nos lembramos sempre da criança que fomos e que por nossas mãos matamos.” (Santos, idem)

2- O legado de Agostinho da Silva, 15 anos após a sua morte

Sobre o legado que Agostinho da Silva nos deixou faremos referência a algumas instituições que se foram desenvolvendo, neste período de 15 anos que sucedeu ao seu desaparecimento físico, e em que de uma forma, mais ou menos, activa fomos participando.

Em primeiro lugar, fazer referência à Associação Agostinho da Silva e deixar uma palavra a uma das suas fundadoras, Maria Violante Vieira, Presidente da UNICEF em Portugal, com a qual tivemos oportunidade de privar depois que Agostinho da Silva faleceu, e com a qual algumas vezes conversámos sobre a criação da Associação, na qual se constituímos como um dos seus associados.

Em segundo lugar, umas palavras sobre a Livraria Uni Verso, de Setúbal. O Professor Agostinho da Silva, numa das cartas que trocámos, corria o ano de 1992, disse-nos que tinha uns amigos em Setúbal, proprietários da dita Livraria e que seria bom que por lá passássemos a levar cumprimentos seus. Assim fizemos.

Verificámos que na altura dinamizavam-se na Livraria Uni

Verso uns Cursos Livres, designados por Estudos Gerais, subordinados a vários temas, talvez em recordação da primeira Universidade Portuguesa e seu Estudo Geral, iniciados em Portugal sete séculos antes, pelo Rei D. Dinis.

Foi também na Livraria Uni Verso que se iniciaram as comemorações de uma Festa que se realiza todos os anos em Setúbal, desde 1990, a Festa do Culto Popular do Espírito Santo, apadrinhada por Agostinho da Silva e cujas raízes históricas remontam em Portugal ao século XIII, então instituídas pela Rainha Santa Isabel. Em Setúbal, sempre as Festas se comemoram no Domingo de Pentecostes decorrendo, portanto, este ano no dia 31 de Maio.

Em terceiro lugar, mencionar a existência desde 2004, da Escola Aberta Agostinho da Silva, em Alhos Vedros, com vários tipos de cursos e actividades, a funcionar num

ambiente de educação não formal e inspiradas a partir do espírito pedagógico do Professor.

Por fim, uma última referência para o Movimento Internacional Lusófono (MIL) e para a “Nova Águia”, revista que lhe está associada, nos quais integramos, respectivamente, a Comissão Coordenadora e o Conselho Editorial, e sobre os quais convidámos para a sua apresentação e para lançamento da Revista, o Dr. Renato Epifânio, a quem deixamos sinceros agradecimentos pela sua gentileza em aceder ao nosso convite e ao qual passamos o uso da palavra.

ⁱ Palestra proferida no Encontro “Literatura e Educação”, na Escola Superior de Educação de Setúbal, 3 de Maio de 2009